

**AGUSTINA BESSA-LUÍS: NOVAS LEITURAS, OUTRAS  
METAMORFOSES (CONTRIBUTO PARA UMA  
FENOMENOLOGIA DA LEITURA INTERARTÍSTICA)**

**AGUSTINA BESSA-LUÍS: NEW READINGS, OTHER  
METAMORPHOSES (CONTRIBUTION TO A  
PHENOMENOLOGY OF INTER-ARTISTIC READING)**

<sup>1</sup>Universidade do Porto |  
Instituto de Literatura  
Comparada Margarida Losa |  
Faculdade de Letras |  
Via Panorâmica, s/n., 4150-  
564, Porto, Portugal | E-mail:  
<anapcouthinho1@gmail.com>.

Apoio/Support: Este artigo  
foi desenvolvido no âmbito  
do Programa Estratégico  
(UIDP/00500/2020), financiado  
por Fundos Nacionais através  
da Fundação para a Ciência e a  
Tecnologia (FCT).

Ana Paula Coutinho<sup>1</sup>

ORCID iD: [0000-0002-5847-5047](https://orcid.org/0000-0002-5847-5047)

**RESUMO**

Como ler um texto literário por meio de imagens ou de uma composição musical? E como (re)ler cada um desses objetos por via desses trânsitos interartísticos? O presente artigo dá conta de mais um projeto (para)letivo levado a cabo a partir da Literatura Comparada, e que teve como primeiro objetivo proporcionar novas leituras de Agustina Bessa-Luís, escritora cimeira da literatura portuguesa contemporânea, consubstanciadas em trabalhos artísticos de estudantes de Belas Artes, concretamente de Gravura e de Música. Como propósito último, procurou-se acompanhar diferentes momentos de uma leitura interartística, praticada como modo de fazer comunidade na própria universidade, e para além dela.

**Palavras-Chave**

Comunidade. Interartes. Leitura(s).

**ABSTRACT**

*How can one read a literary text through images or a musical composition? And how can one (re) read each of these objects through their inter-artistic transits? This article deals with a (para-) academic project carried out in Comparative Literature and whose first objective was to provide new readings of Agustina Bessa-Luís, a leading writer in contemporary Portuguese literature, embodied in artistic works by students of Fine Arts, especially Gravure, and Music. As an ultimate purpose, we sought to accompany different moments of an inter-artistic readings practiced as a way of making community at the university itself, and beyond.*

**Keywords**

Community. Interarts. Reading(s).

Como citar este artigo  
How to cite this article

Coutinho, A. P. Agustina Bessa-  
Luís: novas leituras, outras  
metamorfoSES (contributo para  
uma fenomenologia da leitura  
interartística). *Pós-Limiar*, v.  
4, e215004, 2021. [https://  
doi.org/10.24220/2595-  
9557v4e2021a5004](https://doi.org/10.24220/2595-9557v4e2021a5004)

Recebido em 19/6/2020  
e aprovado em 7/10/2020

Eu desmarco os outros da rotina, espanto a manada. Depois os efeitos são maravilhosos. Combinam com a imortalidade.

(Bessa-Luís, 2008, p. 15).

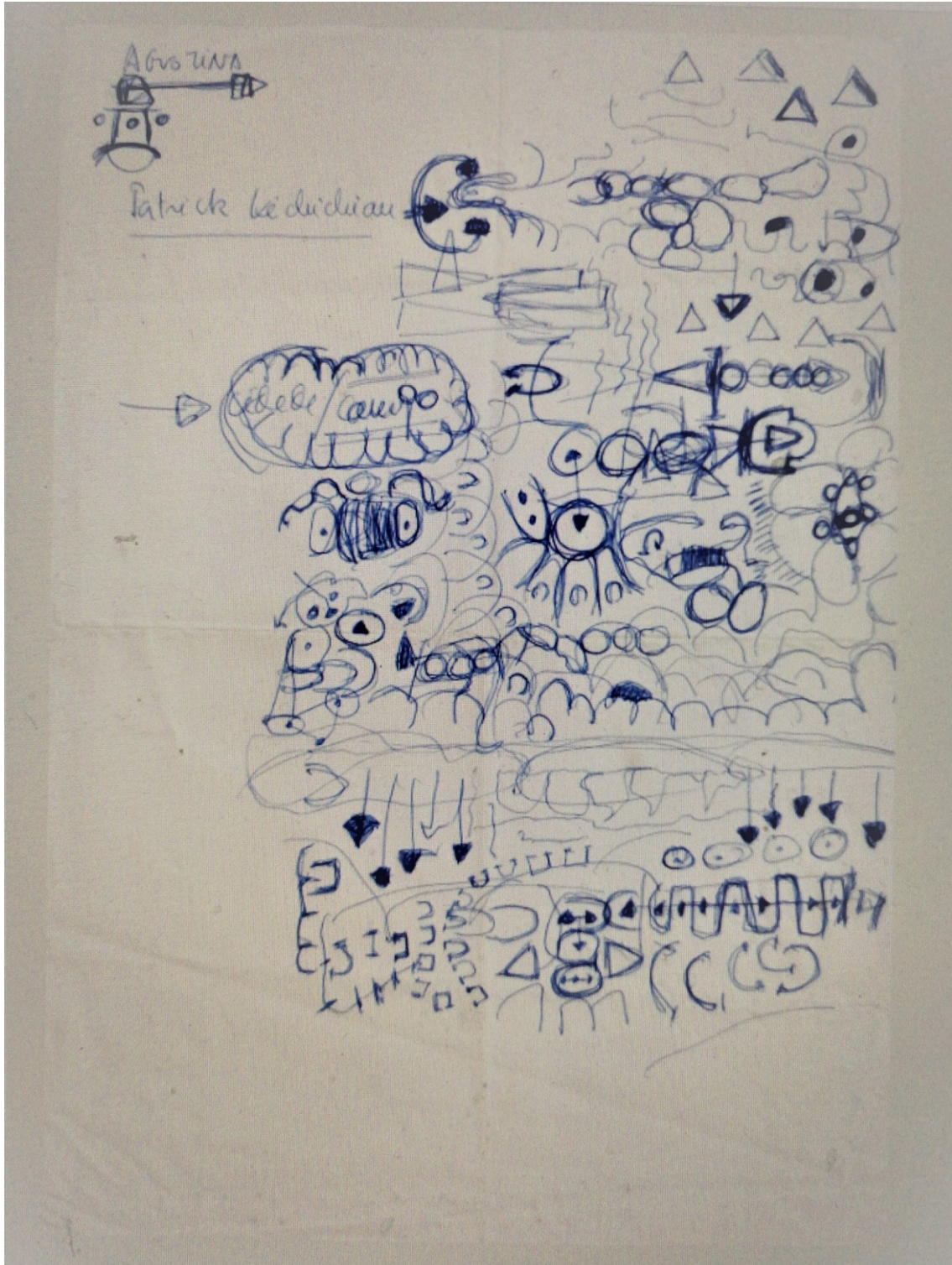
Um dos mais experientes críticos literários da imprensa francesa, Patrick Kéchichian, veio um dia ao Porto para entrevistar, na sua casa, a escritora Agustina Bessa-Luís. Ao longo da conversa, Kéchichian foi esboçando o desenho aqui anexo (Figura 1), numa síntese visual dos intrincados núcleos de tensão nos romances de Agustina. Por outras palavras, em breves traços, registrou a “pronúncia” de todo um universo literário. Se evoco esse episódio é porque me parece que ele poderá funcionar como uma introdução simbólica às questões de fundo que me levaram a propor uma experiência de leitura-metamorfose do universo literário agustiniano com estudantes da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e da Escola Superior das Artes do Espectáculo (ESMAE) do Instituto Politécnico do Porto, que seria entretanto promovida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras.

Se é verdade que as palavras não são o único meio de interpretar outras palavras, isto é, de (re)construir sentidos para nós e para os outros, como ler (e dar a ler), então, com imagens ou com música, aquilo que foi composto e reunido por meio de signos verbais? E como se (re)leem depois as palavras transpostas ou transfiguradas noutras formas de arte? Como interpretar esse terceiro e virtual objeto que emerge da relação entre diferentes signos e discursos artísticos diversos?

Tendo em conta que o ato criativo é sempre uma resposta a estímulos de vária ordem, nomeadamente artística, tanto a literatura como as artes visuais ou a música têm funcionado ao longo dos tempos como reservatórios de inspiração recíproca, ou seja, promotores de energia criativa, de transposições, réplicas, *écfrasis* e comentários. É certo que o discurso crítico sobre as formas de diálogo entre as artes continua sujeito a uma hegemonia do verbal, como apontava há anos Claus Clüver (2001), e a isso mesmo não será estranho o fato de a relação com outro objeto artístico passar pela consciência da alteridade que exige ao artista uma primeira leitura, um discurso interpretativo, por incipiente que seja, da obra de arte alheia, um pensamento espontâneo ou mediado pela interpretação de terceiros. Aí reside aquilo a que poderemos chamar um primeiro nível de leitura interartística ou, de modo mais abrangente, intermedial. Outro nível da leitura interartística assenta na análise e interpretação das próprias relações entre os objetos de diferentes artes ou *media*, não devendo ficar apenas pela simples identificação de traços ou de referências de uma arte na outra, mas procurando apreender a *semiosis*, ou seja, a dinâmica de sentidos que emergem da relação entre os diferentes discursos sónicos, bem como atentar às consequências no modo como lemos/vemos/ouvimos/entendemos quer cada uma das obras implicadas, quer os planos de referência para que umas e outras apontam.

Empenhada em motivar diferentes públicos para indagações estruturantes da área científica da Literatura Comparada ou, numa perspectiva mais lata, dos chamados Estudos Comparatistas, parti, em janeiro de 2019, para uma conversa com os meus colegas Graciela Machado e Dimitris Andrikopoulos, respectivamente professores de Gravura e de Composição Musical, explicando-lhes o enquadramento e lançando-lhes o desafio de proporem aos respectivos estudantes o desenvolvimento de um trabalho criativo a partir da sua leitura de Agustina Bessa-Luís. Com a professora Graciela Machado já havia colaborado, em 2014, por ocasião de um ciclo de investigação interdisciplinar e de mediação cultural sobre a escritora, dramaturga e cineasta francesa Marguerite Duras, que fez história no âmbito das relações institucionais dentro e fora da Universidade do Porto, com resultados científicos (Coutinho, 2015), artísticos (Machado; Coutinho, 2015; Rodrigues, 2015), culturais e mediáticos<sup>2</sup>.

<sup>2</sup>O conjunto das atividades, dentro e fora da Universidade, promovidas ao longo de 2014 – ano do centenário de nascimento de Marguerite Duras –, pode ser visitado na página de Facebook que foi expressamente dedicada ao projeto “Abril Duras no Porto”. Disponível em: <https://www.facebook.com/abriladuras/>. Acesso em: 12 jun. 2020.



**Figura 1** – O universo de Agustina, apontamento de Patrick Kéchichian  
Fonte: Círculo Literário Augustina Bessa-Luís.

Desta feita, a escolha literária de partida também não foi de todo casual ou arbitrária. Além de se tratar de uma das mais importantes escritoras da literatura portuguesa, com uma extensa obra em que se contam também diálogos, explícitos e implícitos, com outras artes, em especial com a pintura, Agustina Bessa-Luís soube impor uma voz enraizada num determinado contexto social, cultural e até geográfico, e ao mesmo tempo profundamente comunicante com outros espaços, tempos e visões. Acima de tudo, o leitor tem garantido o confronto com o desconcerto de uma escrita que, de modo

mais ou menos subreptício, abala visões estagnadas e complacentes do mundo, invariavelmente firmadas no universo intrincado da natureza e das relações humanas.

Infelizmente, as novas gerações não têm sido levadas a ter contato com a obra literária dessa autora, a que não raro se tem colado o rótulo de “conservadora” por, abusiva e sumariamente, confundir-se o enquadramento ideológico da cidadã com o domínio da sua estética literária, e por se reduzir esta a alguns dispositivos formais que passam ao lado da (auto)ironia e do paradoxo da sua escrita. Razão pela qual fazia também parte dos propósitos desse projeto provocar uma dupla “desinstalação”: a desinstalação dos estudantes, perturbando-os nos seus hábitos, preferências e expectativas de leitura, e desinstalação dos sentidos abertos pelo universo agustiniano, pela renovação das formas da sua leitura. O infeliz acaso da morte de Agustina Bessa-Luís, no início de junho de 2019, faria com que a apresentação pública dos trabalhos, materializada numa exposição e num recital na Casa Comum da Universidade do Porto, viesse a constituir uma homenagem póstuma à escritora, num discreto mas perene caminho de prolongamento artístico.

Desde o início, todos estavam conscientes de que o projeto era ambicioso, tendo em conta as circunstâncias em que seria levado a cabo, a começar pelos constrangimentos de tempo e de enquadramento curricular. No caso das Belas Artes, a proposta seria integrada como tema de trabalho final de semestre, na unidade curricular de Gravura, enquanto em Música acabaria por ser abraçada por um pequeno grupo de estudantes a título completamente voluntário, isto é, à margem dos trabalhos curriculares.

Num primeiro momento, a dinâmica do projeto passava por uma intervenção em Belas Artes e em Música que apresentasse o universo literário de Agustina Bessa-Luís, o que no primeiro caso veio efetivamente a acontecer, logo no início do semestre. Atendendo à heterogeneidade linguística e de *background* literário dos estudantes da turma de Gravura, foi-lhes sugerida a leitura de um livro breve da autora – *As estações da vida* (Bessa-Luís, 2018) – recentemente reeditado, por apresentar potencialidades várias de interpretação e desenvolvimento no(s) diálogo(s) com a Gravura entendida como “espaço de consolidação de uma prática artística e/ou investigadora original” que inclui formas várias: de calcografia, serigrafia, litografia; e técnicas de relevo ou ainda processos digitais.

Pouco antes da montagem da exposição *Mais que palavras ditas*, com os trabalhos de Gravura, e do recital com a apresentação das composições musicais dos estudantes da ESMAE, os intervenientes foram chamados a partilhar publicamente os seus testemunhos e reflexões sobre o processo criativo em confronto com o texto e universo agustinianos, no quadro duma jornada aberta realizada pelo Instituto de Literatura Comparada na Faculdade de Letras. Esse encontro viria a contar também com uma conversa com Graça Moraes, moderada por Isabel Pires de Lima, dedicada justamente às relações da pintora com a obra de Agustina Bessa-Luís e, em geral, com o mundo das artes (*Série Agustina*, 2020). Procurou-se assim proporcionar uma plataforma de mediação entre aquilo que constitui o confronto, individual e em privado, entre duas formas de arte e duas subjetividades artísticas, e a partilha, em público, de testemunhos que traduzissem formas de leitura interiorizada do próprio processo criativo na relação. Ainda que seja comum os artistas, ou ainda aprendizes, manifestarem resistência à verbalização das fases e sentidos do seu próprio trabalho artístico, pareceu-me que seria profícuo alargar a experiência, torná-la autorrefletida, e expô-la como incentivo a outras leituras e práticas interartísticas no seio de outra Faculdade, no caso a de Letras, que para esse encontro acabaria também por acolher um grupo de estudantes de Artes Visuais da Escola Secundária Augusto Gomes.

Apresentadas as diferentes fases do projeto, resta ensaiar aqui a minha própria leitura do conjunto de reações criativas à obra de Agustina Bessa-Luís, não sem antes ressaltar que ela decorre de um contato limitado com os diferentes trabalhos, pois apenas os pude observar e ouvir uma única

vez, quando da sua apresentação pública. Exceção feita às gravuras, que tornei a ver, por fotografia, no catálogo posteriormente realizado, com o título *Mais que palavras ditas* (Machado; Coutinho, 2021), e para o qual remeto de seguida.

Impõe-se antes de mais sublinhar que todos os autores dos trabalhos se desviaram da tentativa ilustrativa do texto de Agustina Bessa-Luís, que se limitasse a utilizar a gravura como um recurso técnico da sua estampagem. Ao invés dessa mesmidade figurativa, ou do mero uso instrumental do sistema e obra sígnicos alheios, cada um/a<sup>3</sup> compôs um trabalho imagético, ao mesmo tempo autônomo e relacional, porquanto desenvolve algum ponto de contato com a obra de Agustina, seja a partir d'As estações da vida, de um outro livro ou de uma simples citação da autora. Como era, aliás, esperado, tendo em vista o teor do livro de Agustina, a generalidade das gravuras trabalha imagens da viagem, da memória (e de memórias), da paisagem, do movimento e da paragem. Cada um dos conjuntos, sequências, ou instalações de imagens, recorrendo a técnicas distintas como água-forte, água-tinta, fotopolímero, linogravura ou litografia, faz emergir ou constrói outras memórias, outros reflexos e reflexões, que transpõem ou adaptam para novos contextos, e até para outras línguas e países<sup>4</sup>, as histórias, paisagens e memórias evocadas por Agustina.

O próprio formato do livro, lugar por excelência da arte literária, é transposto em mais do que um dos trabalhos para "livro de artista", podendo nós interpretá-lo como um símbolo, também por excelência, da memória e composição fusional das palavras (explícitas ou implícitas) e das imagens<sup>5</sup>. Reapropriando-se desse formato, alguns dos "livros de artista" fazem lembrar carruagens de comboio e suas janelas, tal qual pontes mentais sobre videiras<sup>6</sup>, ou a abrir-se em páginas-películas, como desdobramentos de um comboio-narrativa-paisagem em movimento<sup>7</sup>. Há livros-álbuns de família que nos fazem viajar no tempo e cujas fotografias – submetidas à erosão da química como do esquecimento –, são figuras espectrais na fronteira dissipada entre realidade e ficção<sup>8</sup>. Há quem materialize a passagem do tempo com a alusão ao crochê, como uma outra composição feita de fios entrecruzados e nós, à imagem de qualquer texto ou tessitura musical<sup>9</sup>. Há quem tenha procurado fazer o percurso da Linha do Douro, no intuito de descobrir os rastros dos lugares e pessoas com quem Agustina viajava ou com quem se cruzava nas suas viagens à Régua, para daí trabalhar as suas impressões, no sentido imagético e gráfico, de uma terra que lhe é distante<sup>10</sup>. Há quem, com uma instalação de folhas soltas, evoque e recrie passagens entre imagens, também elas soltas, despegadas, libertas, do texto de Agustina, como quem (re)colhe laranjas de umbigo textuais e as espreme em sangue sobre aquilo que nos faz entretanto lembrar manuscritos densos com a caligrafia gravada da própria Agustina<sup>11</sup>. Há quem manipule a forma de travessia "no metal pela água e para a água", cruzando caminho de ferro e caminho d'água, e a transforme em cartografia-livro<sup>12</sup>. Há quem passe das viagens durienses de Agustina para as suas próprias memórias de viagem de comboio, lá longe, noutro canto da Europa<sup>13</sup>, ou que as transponha para viagens de ônibus e se concentre na também dissecação do vulgar e do banal, metamorfoseado em ruínas<sup>14</sup>. Há quem trabalhe sobre a paragem a que obriga tanto a leitura de Agustina como a reflexão do processo criativo<sup>15</sup>. Por fim, há quem tenha experienciado de forma particularmente intensa a resistência do texto agustiniano, desde logo por não dominar a língua portuguesa, e tenha procurado deixar emergir esse "nó cego" de manchas ou hieróglifos gravados em linóleo<sup>16</sup>. Todos os trabalhos de gravura escavaram a partir da paisagem literária de Agustina, deslocaram-na e esperaram que o material reagisse com outras formas e outros sentidos. Em suma, estranharam e entranharam, como dizia o anúncio publicitário de Fernando Pessoa, inventado à margem da arte poética, embora não completamente alheio a ela.

<sup>3</sup>Quase todos ainda estudantes de 1º ciclo, embora tenham participado também alguns de 2º ciclo, além da docente de Gravura; Graciela Machado, já com vasto currículo artístico autônomo.

<sup>4</sup>Participaram do projeto três estudantes de mobilidade Erasmus.

<sup>5</sup>Vd. Diana Lucena, "Memória". In: Machado, G; Coutinho, A. P. (ed.). *Mais que palavras ditas*. Porto: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, 2021. p. 21-23

<sup>6</sup>Rui Mota, "Porto-Régua sem uva". *Ibidem*. p. 39-41.

<sup>7</sup>Adriana Nóbrega, "Uniforme". *Ibidem*. p. 10-12.

<sup>8</sup>Antão, "Mnémosine". *Ibidem*. p. 13-16.

<sup>9</sup>Catarina Dias, "Flores". *Ibidem*. p. 19.

<sup>10</sup>Josephine Gerhardt, "A Vida Lá". *Ibidem*, p. 30-33.

<sup>11</sup>Graciela Machado, "Folhas da Espera". *Ibidem*. p. 24-26.

<sup>12</sup>Artur dos Santos Prudente, "Travessia". *Ibidem*. p. 17.

<sup>13</sup>Magdalena Rest, "No borders, just lines". *Ibidem*. p. 34.

<sup>14</sup>João Abel Mota, "Ruínas". *Ibidem*, p. 27.

<sup>15</sup>João Garcia, "Paragem". *Ibidem*, p. 29.

<sup>16</sup>Marta Belkot, "In process". *Ibidem*. p. 36-38.

<sup>17</sup>Margarida Lázaro, "Primeiros Passos". *Ibidem*. p. 44.

<sup>18</sup>Francisco Gomes, "Nasci Adulta e Morrerei Criança". *Ibidem*. p. 45.

<sup>19</sup>Declaração essa que intitula uma videografia da escritora (Almeida A.; Almeida A. J., 2005).

Já a transposição da arte literária para uma arte não mimética, como a música, revela-se mais complexa, o que não significa menos estimulante. Tanto a composição para um solo de guitarra<sup>17</sup>, como a composição para piano<sup>18</sup>, apegaram-se ao impulso aforístico de Agustina aplicado à infância. Procurou-se, num caso, desenvolver uma narrativa musical que acompanhasse as palavras da escritora, transpondo para notas musicais as primeiras explorações da guitarra por uma criança e, no outro, explorar, em três tempos, a ideia de inversão ou paradoxo respigados de uma célebre declaração de Agustina Bessa-Luís – "Nasci Adulta e Morrerei Criança"<sup>19</sup>. A peça começa pela sugestão musical da velhice, passa por um momento de transição fundindo velhice e infância, e acaba com a sugestão da infância a destilar reminiscências da velhice.

No caso da composição para Clarinete em *Si Bemol*, o encontro com a escrita de Agustina deu-se já depois de iniciado o trabalho da então mestrandia, que investigava sobre o modo como se relacionam composições pictóricas e composições musicais. Nas suas próprias palavras, a descoberta da entrada sobre "Água", no *Dicionário imperfeito*, organizado a partir de excertos de Agustina Bessa-Luís (2008), levá-la-ia a experimentar um processo de relação triangular, uma vez que a leitura da "definição" agustiniana passaria a intervir na estrutura quer da composição musical, quer da sua configuração visual. Aqui, como em geral em todos os trabalhos produzidos, a leitura do texto agustiniano, mais extenso ou mais breve, passou a integrar a fase reflexiva, tanto quanto possível autoesclarecedora do processo criativo de cada um, comprovando-se assim, uma vez mais, que existe sempre um ponto de intersecção entre as artes, que representa, em si mesmo, um polo energético de (re)criação. Partimos, pois, do princípio de que a consciência dessa intersecção e o fato de torná-la constante nos diferentes momentos das obras, dos seus criadores e receptores, constituem o núcleo fenomenológico de qualquer leitura interartística, independentemente dos instrumentos utilizados ou dos ângulos de análise que se pretendam explorar.

Regresso agora ao desenho de Kéchichian evocado no início. No decurso do referido encontro com a romancista, aquele crítico viria a publicar um artigo intitulado *La sérénité d'Agustina Bessa Luís* (Kéchichian, 1988) em que sublinhava o modo como a escritora cultivava tranquilamente o paradoxo entre o conservadorismo e o não conformismo. Por minha vez, não posso também deixar de salientar a contradição produtiva que vejo entre as formas enrodilhadas no desenho espontaneamente caótico de Kéchichian e a sua exposição do universo agustiniano ao leitorado francês. Onde o discurso verbal dilucidaria, o gesto do desenho havia condensado, embora ambos tocassem no âmago da dinâmica criadora de Agustina, exatamente porque o dominavam, ou seja, porque se tinham deixado interpelar e transformar por ele. Em última instância, foi isso que procurou potenciar esta obrigatoriamente breve experiência com estudantes de diferentes Artes: um processo de descoberta das potencialidades e das exigências do diálogo interartes que, para ser mais consequente, deverá ultrapassar o estágio de exposição da diversidade, ou de ações pontuais de voluntarismo envolvendo diferentes linguagens artísticas. Iniciativas essas que, aliás, são encaradas muitas vezes como simples perda de tempo ou como excuro recreativo, quando na realidade assentam, ou devem assentar, em pressupostos epistemológicos e em procedimentos de (auto)reflexão e avaliação constantes.

Numa verdadeira Universidade, entendida também como espaço-tempo de criação de comunidade, leia-se comunidade não só ou fundamentalmente naquilo que há em comum entre as áreas de conhecimento que abrange, mas também, e sobretudo, naquilo que cada uma das áreas não tem, mas pode e deve construir em conjunto ou relação com outras. A interdisciplinaridade e a criação interartística não podem ser apenas epidérmicas ou fruto de alguns chavões de circunstância; muito pelo contrário, exigem práticas constantes de interrogação e de interpelação mútuas, inscritas curricularmente, devidamente acompanhadas pela reflexão teórica e crítica das diferentes áreas envolvidas.

Mas também é certo que a sofisticação teórica e programática em termos de artes não dispensa o (re)conhecimento e a interação de autores e públicos mais instruídos, mais cultos, mais criativos e mais exigentes, consigo mesmos e com os outros.

## REFERÊNCIAS

Almeida, A.; Almeida, A. J. *Nasci Adulta e Morrerei Criança*. Videobiografia. Lisboa: Panavideo Produções. Disponível em: <https://vimeo.com/50423905>. Acesso em: 27 abr. 2020.

Bessa-Luís, A. *As Estações da Vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2018.

Bessa-Luís, A. *Dicionário Imperfeito*. Organização Manuel Vieira da Cruz e Luís Abel Ferreira (org). Lisboa: Guimarães Editores, 2008.

Clüver, C. Estudos interartes: introdução crítica. In: Buescu, H.; Duarte, J. F.; Gusmão, M. (org.). *Floresta Encantada*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001, p. 333-382. Novos Caminhos da Literatura.

Coutinho, A. P. (org.). *Marguerite Duras: palavras e imagens da insistência*. Porto: ILCML, 2015. Disponível em: <https://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcld/catalog/book/4>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Kéchichian, P. La sérénité d'Agustina Bessa Luís, *Le Monde*, 29 de Janeiro de 1988.

Machado, G.; Coutinho, A. P. (ed.). *Mais que Palavras Ditas*. Porto: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, 2021.

Machado, G.; Coutinho, A. P. (coord.). *Duras Dizem (B)elas*. Porto: Afrontamento, 2015. Disponível em: <https://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcld/catalog/book/4>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Rodrigues, J. *Abril Duras no Porto*. Documentário. Porto: ILCML, 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/125149379>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Série Agustina: novas leituras, outras metamorfoses: conversa com Graça Morais. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (35 min.). Publicado pelo canal Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7l1eo-lK98k>. Acesso em: 28 abr. 2020.